

A desconstrução como memória e como chance ¹

Laurence Cornuz

Com a criação do Colégio Internacional de Filosofia (1983), Derrida tomava a iniciativa de uma invenção institucional e escrevia, no mesmo período, sobre a universidade, interrogando sobre a possibilidade, nas “proposições institucionais”, de “guardar simultaneamente a memória e a chance” (Derrida, 1983. p. 498). Esta formulação, que não estava explicitamente associada à desconstrução no texto de 1983, afigura-se estreitamente a ela ligada nas conferências que Derrida profere em memória de Paul de Man, em 1984. Irei aqui explorar livremente esta recorrência, na sequência de interrogações de longo prazo sobre a instituição, a escrita, a educação (ou a *passação*).³ Entendida como memória e como chance, a desconstrução aparece como uma questão vital das instituições de transmissão.

Desconstrução, portanto. Derrida nos previne: “desconstrução” não se define: “Toda frase do tipo ‘a desconstrução é x’, ou ‘a desconstrução não é x’, não tem *a priori* pertinência; diríamos que ela é no mínimo falsa” (Derrida, 1987, p.392). Recusar definir é resistir a “sobrepular ou totalizar o sentido”; é desconfiar do efeito de uma definição, isto é, de um certo uso “da desconstrução” *concebida* como uma técnica: com efeito, “o perigo de uma tarefa da desconstrução seria... a possibilidade de tornar-se um conjunto de procedimentos estabelecidos, de práticas metódicas, de caminhos acessíveis” (Derrida,

¹ Tradução: Filipe Ceppas. [NT] O termo "chance", em francês, tem diversos significados, tais como *chance, oportunidade, probabilidade, ocasião, acaso* ou *sorte* (este último sendo o termo adotado na tradução brasileira em *As pupilas da universidade*). Optamos por privilegiar o termo “chance” em português. As notas de tradução (indicadas por [NT]) procuram esclarecer alguns termos e passagens de difícil tradução. Foram consultadas (e eventualmente modificadas) as traduções em português disponíveis dos textos citados.

² Laurence Cornuz é *agrégée de philosophie*, professora emérita da Universidade de Tours, França. Co-fundadora da equipe de pesquisa *Éducation, Éthique, Santé (Agir ensemble et prendre soin)*. Sua pesquisa em filosofia contemporânea e antropologia política da educação concentra-se nos *regimes de confiança*, os atos de fala e os gestos instituintes das *profissões de humanidade* (educação, cuidadores...), nas quais as questões democráticas contemporâneas (*emancipação*, forma e espaços de liberdade) encontram as questões antropológicas (“educação das crianças”, transmissão humana, hospitalidade).

³ [NT] “Passation”, em francês como em português, é um termo utilizado sobretudo em contexto jurídico, no sentido de “ação ou resultado de passar um cargo de uma para outra pessoa”. Trata-se de palavra pouco utilizada, também como sinônimo de “adjucação”, ou “ato judicial que dá a alguém a posse de determinados bens”. A autora trabalha o termo, como fica claro ao final do texto, no campo semântico da educação, como ato de transmissão, no sentido de transmissão de uma responsabilidade, quando de uma mudança de lugar ou em uma experiência que interpela o sujeito em meio à vinda do outro, ou ao novo.

1998a, p.27).⁴ Deste modo, “não há nenhum sentido em se falar em uma desconstrução, ou *da* desconstrução, como se houvesse apenas uma ou, sobretudo, como se a palavra possuísse um (único) sentido além das frases que a inscrevem ou que elas carregam...” (Derrida, 1988b, p. 32). Procuremos, portanto, as frases — o verbo está nelas presente, assim como o substantivo: o objeto direto do verbo “desconstruir” é, por exemplo, “aquilo que foi tornado dogmático ou acreditado”.⁵ Ou, ainda, “trata-se de desfazer, decompor, densedimentar estruturas (todo tipo de estruturas, linguísticas, ‘logocêntricas’, ‘fonocêntricas’)” (Derrida, 1987). Entretanto, ao desconstruir a tentativa da definição, Derrida oferece a seguinte indicação: “Se eu tivesse que arriscar, Deus me livre [*Dieu m'en garde*], uma só definição da desconstrução, breve, elíptica, econômica como uma palavra de ordem, eu diria uma frase: *mais de uma língua*” (Derrida, 1988b, p.40-41). Gesto surpreendente, este risco do qual Derrida diz querer ele mesmo se guardar (se livrar: *Dieu m'en garde...*) e que ele entretanto afirma! Expressão surpreendente, “como uma palavra de ordem”, “sem frase”, esta breve, elíptica e econômica “mais de uma língua”: em qual sentido entendê-la?⁶ Multiplicidade das línguas? Mas, também, limite único de toda língua? Ou, ainda, “suplemento”, incalculável, alegórico, intraduzível, de cada língua? A economia da fórmula não esgota o sentido no repertório finito destas três interpretações: do mesmo modo que “desconstruir” se joga a partir da dobra metafísica, “mais de uma língua” desarticula a hermenêutica, convida à invenção.

Assim, o que é impossível na desconstrução (defini-la, pois isso seria perdê-la), o é também, sem dúvida, para os três termos propostos, se procuramos igualmente não reduzi-los. Em que frases os pronunciamos? E como compreender “mais de uma língua” em *instituição, escrita, passagem*? A ideia deste texto é que aquilo que podemos aprender da desconstrução, ou com ela —aquilo que podemos compreender daquilo que ela “faz”, de sua dimensão “performativa”— pode dar a pensar o que se passa “com” ou na instituição, na escrita, na passagem, e permitir compreender que se trata, a cada vez, ao mesmo tempo, de memória e chance.

⁴ Ver, ainda, *Mémoires pour Paul de Man* (Derrida, 1988b, p. 123): “a desconstrução não se aplica, *a posteriori* e desde o exterior, como um instrumento técnico da modernidade.”

⁵ Derrida, 1998a, p. 71: “desconstruir... aquilo que já foi tornado dogma ou acreditado”.

⁶ Ver Jean Grondin, conferência proferida em 29 de setembro de 1997, na abertura de um colóquio sobre a hermenêutica e a desconstrução, na Universidade de Praga, e publicada nos *Archives de philosophie* 62 (1999), 5-16. (Grondin, 2003).

Instituição: “guardar a memória e guardar a chance”

Um dos textos que mais me acompanha na preocupação de pensar a instituição (escolar, universitária, educação das crianças, educação do humano) é o texto de Derrida sobre a universidade, sobre a responsabilidade da universidade: “O princípio de razão e a idéia da universidade”, que anuncia ser “mais do que nunca impossível dissociar o trabalho que perseguimos, em uma ou mais disciplinas, de uma reflexão sobre as condições institucionais deste trabalho”.

Este texto anuncia e implica a ideia de uma responsabilidade com um duplo objeto:

Em um período de “crise”, como se diz, de decadência ou renovação, quando a instituição não funciona corretamente,⁷ a provocação para pensar reúne no mesmo instante o desejo de memória e a exposição de um futuro, a fidelidade de um guardião bastante fiel para querer guardar até a chance do futuro... (Derrida, 1983, p.497)⁸

Aqui vemos intervir, sob este duplo objeto da memória *e* do que advém, a temática de uma *guarda* una e estranha, guarda de uma chance pelo que ela tenha de futuro. Observemos que não se trata de guardar o passado, mas a memória. O que advém seria uma chance, sob a condição desta guarda, sob a condição de que se proteja a chance desta chance. A “provocação para pensar” —a responsabilidade que nela se impõe— não vem, em Derrida, de uma injunção moralizadora. É qualquer coisa como um forçoso apelo, tanto em atos como para o pensamento. Donde a insistência das questões que “ruminam” as diferentes formulações desta estranha guarda: como estar à altura desta responsabilidade? Como ser fiel ao que advém, por uma guarda fiel do passado? Como ser fiel a uma chance? “É possível guardar a memória e guardar a chance? Como sentir-se ajustado com o que não temos e que ainda não existe? ... Não sei se é possível guardar simultaneamente a memória e a chance. Sou antes tentado a pensar que uma não se guarda sem a outra, sem guardar a outra e sem se guardar da outra. Diferentemente. Esta dupla guarda será atribuída, como sua responsabilidade, ao estranho destino da Universidade” (Derrida, 1983, p.498).

⁷ No original: “quand l'institution est *on the blink*”. Derrida joga com a expressão inglesa “on the blink”, que remete, também, a um *piscar de olhos*, um movimento da pálpebra, no sentido, ainda, da *chance de um acontecimento* [la chance d'un événement], de um instante.

⁸ [NT] Traduzimos *avenir* por “futuro”, exceto onde a autora explora a sutil diferenciação entre *avenir* (como “o que está por vir” ou “o que advém”) e *futur*.

Instituir, re-instituir, responder à responsabilidade da universidade, isto seria, então, “guardar ao mesmo tempo a memória e a chance”: os termos insistem. A guarda implica as relações de cada uma, memória e chance, com o tempo, mas também uma relação de proteção recíproca entre as duas, e igualmente de preservação uma da outra, de uma pela outra.

Encontramos esta mesma expressão, “guardar ao mesmo tempo a memória e a chance”, em *Mémoires pour Paul de Man*, conferências proferidas no ano seguinte, onde não está tanto em questão a instituição, mas a escrita (e também a leitura, pois que se trata da obra de Paul de Man) e, com efeito, a desconstrução.

Escrita: “A memória do passado como experiência da promessa”⁹

As conferências proferidas em memória a Paul de Man, no início de 1984, na universidade de Yale, e depois em Irvine, foram reunidas sob o título *Mémoires pour Paul de Man*. Na formulação que reúne “a memória e a chance”, encontramos tipos de variações —e também como que o “rumor” da expressão— em: “a memória e a ciência” (p.27), “a medida e a chance” (p.42). Desde a primeira página, Derrida faz girar essa memória em direção ao futuro, aquilo que nos vem de Paul de Man, como ele diz. Observemos, aliás, para ir mais longe, que Derrida evoca, de imediato, a leitura que Paul de Man faz de Proust: “Na leitura de Proust, [Paul de Man] diz que ‘o poder da memória’ não é o de ‘ressuscitar’: este poder permanece bastante enigmático por estar *preocupado*, se podemos assim dizer, por um ‘pensamento do futuro’.” (Derrida, 1988b, p.27, sublinhado de Derrida)¹⁰

Nessas suas *Mémoires* à memória de um homem que diz que o “poder da memória” é um “pensamento do futuro”, portanto não apenas voltado para o passado (também em Proust, onde o termo “ressuscitar” pertence ao âmbito da arte), Derrida anuncia, assim, que falará “do futuro, daquilo que nos lega e nos promete a obra de Paul de Man” (Derrida, 1988b, p.42). “Legar e prometer” é uma das fórmulas que reúnem a memória e o futuro. Uma parte importante da conferência explora os sentidos de “memória”, no singular, no plural, no masculino, no feminino. Uma das passagens, para nós decisiva, é aquela em que a memória se revela como uma afirmação. Aquilo que a obra de Paul de Man realiza, sutenta, não sem “alianças”, é, diz Derrida, um “sim”, “ato não ativo”, “que

⁹ Derrida, 1988b, p. 155.

¹⁰ A ideia e os termos de Paul de Man apresentados por Derrida encontram-se em *Blindness and Insight* (De Man, 1983, p.92).

guarda a memória”; é um “engajar-se em guardar a memória dele mesmo, se prometer, ligar-se à memória pela memória, *sem o que nada jamais chega do futuro*” (Derrida, 1988b, p.42). Guardar a memória é da ordem de uma afirmação. É esta “afirmação de Paul de Man” que Derrida “tenta lembrar”. O que ressoa aqui, nessas variantes da expressão, não é mais somente a provocação, ou a interrogação sobre a possibilidade de pensar ao mesmo tempo a memória e a chance. É a constatação (a memória e a homenagem) de que uma certa memória é uma afirmação, um “sim” que, por ele mesmo, evoca, de certo modo, o “vir” do futuro, num “ato não ativo”: uma disponibilidade ao que vem. Não há oposição, não há sucessão de frases distintas entre memória e chance. Derrida assim prossegue a propósito desta afirmação:

Aquilo que a liga à memória, a um pensamento da memória pensante, eis também a medida e a chance de seu futuro.

Uma tal afirmação não é estrangeira àquela que encontramos... no coração da desconstrução.

Se podemos definir a desconstrução, sem risco de reduzi-la a dimensões procedimentais, se é preciso guardar-se de torná-la uma palavra de ordem (apenas um “como uma palavra de ordem”), arriscando-se radicalmente a vê-la em movimento ao apelo do “mais de uma língua”, nós a aproximamos aqui, em seu “coração”, pelo seu “agir”, ao mesmo tempo prático, ético, enigmático, de um “efeito” que manifesta uma afirmação ligada a uma “memória pensante”, abrindo com isso a “chance de seu futuro”. Guardar *ao mesmo tempo* a memória e a chance, portanto, seria aquilo que se faz através de uma afirmação, e se joga na desconstrução, em seu coração. De fato, desconstruir seria exatamente isso: guardar a memória e guardar a chance —é o que se diz da escrita e que se trama neste texto, de 1984, numa reflexão sobre essa escrita que fala da leitura como de uma alegoria: falar, escrever, diz sempre “outra coisa”, em múltiplos sentidos, em “mais de uma língua”.

Derrida o indica: “*Da desconstrução, ela existe sempre nas obras, notadamente nas obras literárias*” (Derrida, 1988b, p.122); o que se compreende na evocação à obra de Paul de Man, consagrada a lê-las, evocação cujo início nomeia, desde logo, nós o vimos, Proust.

Surge aqui a tentação de um desvio, autorizado por Proust ou por Derrida. E mesmo de um duplo desvio.

Poderíamos, assim, por um lado (Swann ou Guermentes) buscar¹¹ *no* texto proustiano uma desconstrução *avant la lettre*: o narrador desconstrói a memória do herói ao guardá-la e guardando a chance do autor-criador. O “mais de uma língua” se compreende na *Recherche* não apenas em todas as falas dos personagens, nos pastiches, mas no desenrolar das frases, no “mais de uma língua” do “estilo”, este efeito da escrita que guarda a memória dos instantes de chance vividos, e dá a eles sua chance e sua memória na beleza. Esta desconstrução é também aquela que Paul de Man assume em suas leituras alegóricas de Proust. Isto poderia ser desenvolvido numa outra direção, e a releitura de Proust com Derrida já foi de fato proposta.¹²

Mas esta frase que introduz a questão da obra literária, como lugar da (“na”) desconstrução, nos alerta agora (segundo desvio) para a escrita de Derrida e a questão da escrita por Derrida ele mesmo, para quem “a escrita é um gênero literário particular”:¹³ como entendemos isso *na* sua própria obra?

É o texto de Derrida que talvez seja ele mesmo memória e chance — um tipo de desconstrução e de fidelidade ao texto proustiano, *na escrita*, na própria frase.

Rastros de Proust: desconstruir a escrita de Derrida?

Deixando-nos enredar pela tentação do desvio, ensaiemos a seguinte proposição: em busca de Derrida, rastros proustianos se deixam perceber, a propósito precisamente deste tema da memória e do futuro, da escrita, da decisão de escrever filosofia ou literatura.

Derrida cita muito pouco Proust em sua obra e o nomeia apenas uma vez neste texto de 1984. Ele cita o trabalho de Paul de Man sobre Proust, dentre outros autores;¹⁴ e cita de Man citando G. Genette citando Proust,¹⁵ mas, de fato, quase nunca diretamente Proust. A menos que de Proust encontremos o rastro temático e a marca linguística...

A relação de Derrida a Proust foi investigada por diversos autores, investigação recenseada num artigo de Isabelle Décarie, onde se mostra, de modo esclarecedor, as “tentações proustianas de Derrida”. Existe, por um lado, um certo silêncio, ela diz, mas,

¹¹ [NT] A autora trabalha, em todo o texto, com o termo “recherche” (busca, investigação, pesquisa), em referência à *La recherche du temps perdu* (Em busca do tempo perdido) de Proust. Por isso, adotamos a palavra “busca” em toda a tradução do termo, mantendo a menção à *Recherche*, enquanto título da obra de Proust, em francês.

¹² Ver Rushworth, 2015.

¹³ Derrida (1972) cita esta frase de Valéry, tirada de “Léonard de Vinci et les philosophes” (*Variétés*).

¹⁴ Derrida, 1988b, p. 17.

¹⁵ Derrida, 1988b, p. 44.

por outro lado, “o sentimento da presença insistente de Proust em Derrida” se impõe.¹⁶ A autora ressalta a afinidade de um conjunto de temas:¹⁷ relação à espectralidade, à pedra, ao rastro, ao judaísmo, o retorno à infância, à criança, a escrita como promessa, a escrita como prática, cujo fio de seda se faz igualmente metáfora nos dois autores:¹⁸ existe uma “afinidade entre esta cena da escrita (em Derrida), que se elabora minuciosamente desde as vias laterais do saber, e aquela onde imaginamos Proust inchando seu manuscrito graças às pequenas ‘próteses’, seus famosos *paperoles*.”

Entremos um pouco mais na escrita mesma, no tecido do texto, na tecelagem da frase.

Perseguir seus rastros, a isso Derrida nos autoriza quase maliciosamente, nas conferências de 1984, uma vez que ele destaca, a propósito de Heidegger, como este cita Holderlin sem nunca o nomear, sem nunca usar as aspas.¹⁹ Existiria, igualmente, a citação não indicada, a “intertextualidade” proustiana no texto de Derrida. Vejamos alguns exemplos: “À leitura de Proust” faz eco a *Lecture de Proust* de Paul de Man, e os dois fazem ver, em seus títulos, promessa, a memória do título do texto de Proust “sobre a leitura”.

Vejamos agora qual frase abre a conferência: “Je n’ai jamais pu raconter une histoire” (Eu nunca pude contar uma história...). *Incipit* de *Em busca do tempo perdido*: “Longtemps je me suis couché de bonne heure” (Durante muito tempo, deitava-me cedo). Contraste: o início de uma história (na *Recherche*) versus a confissão (e o lamento) de uma incapacidade de contar história. Mas as duas proposições são ditas no início, em primeira pessoa, com advérbios de tempo (“nunca” / “durante muito tempo”) em frases curtas, que se pronuncia de um só fôlego, quase com o mesmo ritmo (dez sílabas contra onze), seguidas de longas frases nos dois autores.

Voltemo-nos a esta frase, um pouco mais longa, dentre outras, que parece usar efeitos “retardantes”,²⁰ de acumulação de epítetos que fazem as vezes de correção, e que

¹⁶ Décarie, 2002, 189–205.

¹⁷ “Por que Derrida não dedicou um texto inteiro à *Recherche* quando ‘tudo’ — o desvio pela autoficção, a importância que recobrem, depois de alguns anos, as lembranças da infância e os sonhos, a narrativa diversas vezes contada da agonia da mãe, uma vinculação complexa à metáfora e à metonímia, a questão do tempo, do luto, etc.— o predisporia a escrever sobre Proust?”

¹⁸ Calle-Gruber (1999).

¹⁹ “Ele chega a apagar as aspas em torno das palavras que são de Holderlin” (Derrida, 1988b, p.32).

²⁰ Derrida, como Proust, utiliza bem frequentemente os parênteses, o colocar entre travessões ou entre vírgulas.

parecem enfim produzir um efeito surpresa, um *effet de chute*,²¹ análogo àquele que Léo Spitzer destacou em Proust:²²

“Se eu tivesse que arriscar, Deus me livre, uma só definição da desconstrução, breve, elíptica, econômica como uma palavra de ordem, eu diria uma frase: *mais de uma língua*.” Os incisos, retardando o desenlace da frase, os adjetivos (em sequência de três, como frequentemente em Proust), cada um acrescentando, como em Proust, uma precisão, e o diferimento, no fim da frase, de uma frase sintética e isolável (“mais de uma língua”), sob a qual se resolve a “tensão” da atenção exigida pela leitura daquilo que a precede — todos esses aspectos evocam uma maneira de escrever, são como uma memória dessa escrita —, mas não para contar uma história.

Elementos muito tênues de intertextualidade? Tudo isto é impossível de provar — indecível, poder-se-ia dizer (apesar da tentação, não podemos provar aquilo que “na desconstrução há de indecível”. De um lado porque isso não provaria nada e, de outro, porque nela não há prova possível).

Vejamos, ainda, esta outra frase, que, além dos efeitos retardantes, valoriza, como em Proust, a última expressão:

“Ela [a memória] permanece para os ‘guardar’ junto aos rastros, mas rastros de um passado que nunca esteve presente, rastros eles mesmos que não existem jamais na forma da presença e permanecem sempre, de algum modo, a vir, vindos do que advém, vinda do futuro”.²³ De imediato, podemos pensar estar diante de uma crítica a temas proustianos, crítica a uma memória supostamente voltada para o passado (“Pois a memória da qual falamos aqui não está essencialmente voltada para o passado...”), mas a frase seguinte (“A ressurreição, que é sempre o elemento mesmo da ‘verdade’ etc...”) retoma sem aspas (a ressurreição) ou com aspas (a “verdade”) os termos e uma tese incontestavelmente proustianos. Mas, além deste rastro temático, a frase apresenta novamente os efeitos retardantes de múltiplas vírgulas, os efeitos de atenção a uma precisão por toques sucessivos, e a valorização da fórmula sintética posta no fim da frase: “vinda do futuro” — “vinda” como um substantivo que se substitui ao adjetivo “vindos” atribuído aos “rastros”:

21 [NT] “Em literatura, a expressão [*effet de chute*] designa o efeito de surpresa utilizado pelo autor no fim de um texto, o que esclarece seu sentido [e] pode conduzir a reinterpretá-lo. Esta conclusão inesperada é em geral preparada para permitir que o leitor vigilante advinhe pouco a pouco a significação do texto (poema, conto, novela, etc).”

22 Spitzer, 1970.

23 [NT] “Elle séjourne pour les ‘garder’ auprès de traces, mais de traces d’un passé qui n’a jamais été présent, de traces qui elles-mêmes ne se tiennent jamais dans la forme de la présence et restent toujours, en quelque sorte, à venir, venues de l’avenir, venue du futur.”

não apenas esta memória carrega os rastros vindos como à contracorrente do tempo, desde o que advém, mas ela é *ela mesma*, finalmente, substancialmente “vinda do futuro”, emergência, movimento deste desconhecido.

Enigma reforçado desta insitência? A própria observação linguística possa talvez nos ajudar a detectar aquilo que se trata de discernir: essas frases não são procedimentos, nem pastiches de Proust, uma memória voltada para o passado: percebe-se claramente um outro estilo, mas parece que esta maneira de escrever tais frases guarda a memória daquela de Proust, como uma pegada, como um eco a gerar uma guarda, uma preservação abrindo um futuro, justamente como uma fidelidade ao poder de agenciar os efeitos de um escrever, de agenciar uma frase no que ela carrega *de busca*, rastros que guardam no mesmo instante, no mesmo impulso, a chance de um novo escrever: temos nessa memória, ao mesmo tempo, uma escrita outra, nova, a chance de uma outra escrita. Seria esse um exemplo daquilo que Derrida diz (em outro lugar) “ter vontade de chamar uma ‘velha-nova frase’”? (Derrida, « Télépathie », in *Psyché*, 1988a, p.238)

Efeito da *différance*? Trata-se de uma relação com a escrita, que corre como um desafio da existência:

“Não fui ainda capaz de escrever como eu sonhava escrever”, escreve Derrida a Claude Lanzmann.²⁴ Não podemos deixar de evocar as dúvidas de Proust sobre sua própria vocação literária e esta carta, citada por I. Derarie: “Ah! Como eu gostaria de saber escrever como Mme. Strauss! Mas sou obrigado a [tecer] essas longas sedas tal como eu as fio, e se eu abreviasse minhas frases, isso geraria pequenos pedaços de frases, não frases. De modo que permaneço como um bicho da seda, etc.”²⁵

Neste sonho de escrever, existe um desafio de verdade da escrita, e ele é, nos dois autores, questão de “tarefa” e de tradução. “A tarefa do escritor é a de um tradutor”, diz Proust. Como não lembrar, em Derrida, da inquietude do intraduzível, a insistência da tradução, a perda da origem, o apelo do *a traduzir*.

E, nos dois casos, percebe-se o desafio de uma recepção desconhecida. De um lado, “cada leitor é, quando lê, o próprio leitor de si mesmo. A obra de um escritor é uma espécie de instrumento de ótica que ele oferece ao leitor... O autor deve... deixar ao leitor a maior liberdade, dizendo: ‘Veja você mesmo se vê melhor com esse óculos ou com esse

²⁴ Derrida, carta que acompanha o texto “Il courrait mort : salut, salut”, de 22 de março de 1996, para o número de aniversário da revista *Temps Modernes*, republicada no n° 629, nov 2004-Fev 2005, de *Temps modernes*; carta lembrada por C. Lanzmann, em sua homenagem a Derrida.

²⁵ *Correspondance de Marcel Proust*, éd. de Philip Kolb, t. V, Paris, Plon, 1979, p.289. A palavra “tecer” (*tisser*), entre colchetes, foi acrescentada pelos editores, pois Proust havia escrito, segundo eles, por um lapso, a palavra “selecionar” (*trier*).

outro’.” (Proust, 1986, p. 307) E Derrida: “A quem esse discurso estará destinado, finalmente? ... Quais são minhas chances de alcançar meus destinatários, seja porque eu calcule e prepare um lugar de *reencontro*, palavra que eu sublinho, seja porque espero cair sobre eles ao acaso?” (trata-se de um texto que se intitula, precisamente, “Mes chances”; Derrida, 1998a). Essas experiências da escrita incluem a questão do leitor, de seu “reencontro”. Elas implicam a consciência de uma performatividade da escrita do âmbito da afirmação, da promessa, do reencontro, da chance: “porque os teóricos do performativo ou da pragmática se interessam tão pouco, até onde sei, *pelos efeitos* da coisa escrita...?”²⁶

Evidente alusão intertextual ao *incipit* de Proust, Derrida diz, em outro lugar, “ter deitado muito tarde depois de um movimento de cólera ou de ironia”, após a leitura de uma passagem de Proust, precisamente uma passagem que deprecia a presença da “teoria” numa obra literária.²⁷ Qual é esta cólera? Aquela que recusaria o julgamento depreciativo tanto da presença da “filosofia” no texto literário como da “literatura” num texto filosófico? Ela vem da convicção, da experiência da chance, que representaria a memória de um no outro, se guardando um e outro, e um do outro?

A escolha da escrita foi aquela da narrativa contra o ensaio, em Proust —mas não sem um primeiro ensaio, o *Contre Sainte Beuve*. “Eu nunca soube contar uma história”, constata e parece lamentar Derrida. Mas ele escreve textos de autoficção. Um como o outro, tendo escolhido, escrevem guardando a memória (a chance) da outra escrita. Feita a escolha, a questão de um elo entre o narrativo e o conceitual, entre filosofia e literatura, persiste ainda: em suas decisões em reviravolta, resta o indecível, o outro. Metáfora ou metonímia? Em Derrida, como em Proust, há a tentação e o saber de uma outra escrita, a escolha de uma e a memória da outra, a busca comum daquilo que *faz* uma escrita de rastros e de atenção, de disponibilidade para aquilo que vem, uma escrita de busca.

Guardar a memória de Proust, seria isto deixar vir a chance de um “filosofar” outro, na própria escrita?

²⁶ Derrida, “Télépathie”, in *Psyché, op. cit.*, p.241.

²⁷ Citado por Isabelle Decarie. “E eu me lembro de ter me deitado bem tarde após um movimento de cólera ou de ironia contra uma frase de Proust, elogiada num livro desta coleção, ‘Les Contemporains’, e que diz: ‘uma obra onde há teorias é como um objeto no qual deixa-se a etiqueta do preço’, e não encontro nada mais vulgar do que estas boas maneiras franco-britânicas, na verdade européias”. “Circonfession”, em Jacques Derrida e Geoffrey Bennington, 1991.

“A filosofia é um gênero literário particular”

Denthamo-nos, por um instante, em uma certa confrontação “entre a literatura e a filosofia”, um reencontro e uma indecidibilidade, e portanto uma decisão (em cada caso), índices de uma questão sobre a filosofia, de um desconstrução de “a filosofia”, “acadêmica”, da metafísica, por Derrida, como modos literários do tempo de Proust. Comentário de Macherey:

Na medida em que a literatura disputa com a filosofia o direito a exercer o pensamento, isso não se dá com vistas à ir eventualmente mais longe, no mesmo sentido, de adotar a aparência de um gênero filosófico determinado, mas na esperança de comunicar a esta atividade, o exercício do pensamento, uma nova orientação, que retira a ênfase de seus aspectos teóricos, que seus resultados podem resumir, em direção aos seus aspectos práticos... O que faz ressoar a tese de Valéry, segundo a qual a literatura só acolhe do pensamento suas formas vivas, num campo onde ela se produz concretamente como pensamento em ato, e não como pensamento teórico, pretensamente acabado, vale dizer, no fim das contas, como pensamento morto... (Macherey, 2011)

“Aspectos práticos”, “formas vivas”, “pensamento em ato”: é um “pensamento vivo”, “agitador”, “concreto”, que é buscado na memória e na chance de “mais de uma língua”, nos efeitos de uma escrita que desloca o pensamento morto, desbanca as alternativas imóveis ou dicotômicas mortíferas, e que provoca o leitor para o reencontro de sua própria chance.

Esta expressão, a memória e a chance, ao aplicá-la às duas provocações para pensar retiradas desses dois textos, de 1983 e 1984 — a instituição, a escrita —, sugere analogias: a dimensão do performativo, entendido num sentido mais largo que aquele de Austin, o efeito de uma afirmação, se aplicaria também à escrita (um título é uma promessa); a dimensão alegórica (que diz outra coisa que ela diz) da leitura (da escrita) se aplicaria também à instituição. Falar, escrever, diz sempre “outra coisa”, em múltiplos sentidos, em “mais de uma língua”. A guarda fiel deste “outro”, da possibilidade do advento deste outro, tal é também a provocação para pensar (e a instituir) a instituição: a vinda do outro.

“Preparar-se para esta vinda do outro, é isto que podemos chamar a desconstrução.”

É, também, aquilo que está em jogo na educação.

Passação e invenção. A educação como “vinda do outro”.

A desconstrução é inventiva ou ela não é: ela não se contenta com procedimentos metódicos, ela abre uma passagem,²⁸ ela marcha, ela marca; sua escrita não é apenas performativa, ela produz regras —outras convenções— para novas performatividades e não se instala jamais na segurança teórica de uma oposição simples entre performativo e constativo. Sua *démarche* engaja uma afirmação. (Derrida, 1998a, p. 35)

Abrir passagens: a memória, uma certa memória abre passagens para a chance. Uma certa relação ao passado, faz passagem. Voltada para o futuro, esta relação força a abertura de sua vinda.

Isto faz ver, na guarda conjunta da memória e da chance, uma outra aliança: entre passagem e invenção; é o mesmo apelo, com o mesmo “impossível”: “O interesse da desconstrução, de sua força e de seu desejo, se ela o tem, é uma certa experiência do impossível: quer dizer... *do outro*, a experiência do outro como a invenção do impossível, em outros termos, como a única invenção possível” (Derrida, 1998a, p.27).

A invenção (impossível também de definir) é “deixar vir o outro”: (*in-venir*). Trata-se, Derrida o diz numa conferência que se segue imediatamente à precedente (abril de 1984), de “reinventar o que advém.” (Derrida, 1998a, p.25)

Tal é, para nós, o desafio da educação, de toda transmissão, de toda passagem. Tal é exatamente a experiência do impossível das “profissões impossíveis” de Freud: o advir daquilo que advém, como nos atos de confiança, depende de um outro. A desconstrução como “pensamento agitador”, como gesto indecidível de guardar a memória e a chance, eis então uma chance talvez para pensar as passações “impossíveis” na educação. Nas instituições de educação e de ensino, de formação, no exercício das profissões de transmissão, trata-se precisamente da memória e da chance, e de sua responsabilidade.

Hannah Arendt também fala de uma dupla responsabilidade, quando escreve sobre a educação: resistir à pressão do passado e dizer “eis nosso mundo”, e resistir à pressão do futuro para preservar a novidade dos novos, esses dois temas possuem uma surpreendente convergência com a guarda conjunta da memória e da chance. As leituras de Derrida poderiam ajudar a explorar a recepção de Arendt na França. Mas sigamos outra pista: Arendt e Derrida leram *O Ser e o Tempo*, eles seguiram de perto Heidegger e dele tomaram

²⁸ [NT] Frayer, em “...elle fraye un passage...”, sugere, também, o aplainar uma dificuldade, superar um obstáculo.

distância. Eles, cada um a sua maneira, o “desconstruíram”, precisamente para guardar a chance, a invenção do outro. Na abertura de *O Ser e o Tempo* aparecem os temas de uma destruição e de uma construção. Derrida precisa: “Eu quis traduzir e adaptar para os meus propósitos as palavras heideggerianas de *Destruktion* ou de *Abbau*.” Mas essa adaptação, em certo sentido memorável, abre toda uma outra coisa que o vínculo heideggeriano com o originário. Se a desconstrução não é exatamente uma destruição, ela também não é uma construção massiva em si, supostamente nova. Ela escapa, na própria palavra, à dobra metafísica ainda presente na dicotomia, e ela desarma em seu gesto aquilo que resta de ambição de domínio na “construção”. Ela restitui a passagem para o outro, mais do que para o Ser.

Poderíamos sustentar igualmente que o livro de Arendt, *A condição humana*, é uma espécie de desconstrução da obra de Heidegger,²⁹ não tanto em sua dimensão “literária”, mas em seu trabalho de distinções conceituais precisas, e em seu desafio central relativo à vinda do outro, dos “recém-chegados”, da invenção imprevisível dos começos, o velar a capacidade de começar que é a responsabilidade da educação. E, desde já, simplesmente *no* efeito da escrita: a simples fórmula segundo a qual o ser humano é “pelo nascimento” desconstrói o “ser para a morte” —memória desconstruída de uma fórmula, memória voltada para o futuro, sustentando uma chance de fazer da finitude uma chance.

Vinda ao mundo dos “novos”, liberdade de começar, ato pensado, como um segundo nascimento, inesperado, imprevisível, invenção... Existe assim um tipo de reencontro dessas duas formulações da memória e da chance (Derrida, Arendt), nesses pensamentos do começo e escritas da invenção —daquilo que eles nos dão a pensar sobre a instituição, a educação, a transmissão: o apelo de uma responsabilidade pela vinda do outro, invenção do impossível, passagem, que abre invenção, apelo a espaços onde a memória não esmaga a chance, nem a chance nega a memória, que seria aquilo que as instituições devem proteger e seus atores re-instituir se apossando da palavra.

Na passagem, na “transmissão”, na educação, não existe outra escolha que este acolhimento do indecível do que advém, do incalculável, a hospitalidade do desconhecido dos recém-chegados, que vêm e podem ver sua chance esmagada em nome de um futuro sem passado, que devem poder ser “inseridos no mundo” por uma certa relação com o passado. Não há outra escolha senão esta responsabilidade, esse responder da memória e da chance, que é sem procedimento, mas não sem atenção infinita.

²⁹ Uma resposta, em todo caso, como o demonstra Jacques Taminiaux (1992).

“O outro é aquele que não inventamos jamais e que não terá jamais esperado a nossa invenção. O outro clama por vir e isto só acontece a muitas vozes.”

É deste outro e deste imprevisível de que trata a educação, hoje, onde, por todos os lados, se pretende fiar-se apenas no cálculo. Nela, é urgente estar a múltiplas vozes.³⁰

Referências bibliográficas

- CALLE-GRUBER, M. (1999) “Le fil de soie”, *In: L’animal autobiographique, Autour de Jacques Derrida*, Paris: Galilée, coll. “La philosophie en effet”.
- DE MAN, P. (1983) *Blindness and Insight*, Minnesota: Univ. Minnesota Press.
- DECARIE, I. (2002) “Tentations proustiennes*.” *In: Études françaises*, 381-2.
- DERRIDA, J. (1972) *Marges de la philosophie*, Paris: Minuit.
- _____ (1990) “Les pupilles de l’Université. Le principe de raison et l’idée d’Université”. *In Du droit à la philosophie*, Chapitre III, “Mochlos: l’œil de l’Université”. Galilée. Conférence d’avril 1983.
- _____ (1987) “Lettre à un ami japonais”, *Psyché. Invention de l’autre*, Paris: Galilée. Ver, ainda: https://redaprenderycambiar.com.ar/derrida/frances/lettre_ami.htm
- _____ (1998a) *Psychè*, Galilée.
- _____ (1988b) *Mémoires pour Paul de Man*, Paris: Galilée.
- DERRIDA, J. & BENNINGTON, G. (1991) *Jacques Derrida*, Paris: Seuil.
- GRONDIN, J. (2003) “La définition derridienne de la déconstruction”, *In: Le tournant herméneutique de la phénoménologie*. Paris: Presses Universitaires de France, “Philosophies”, p. 103-118. URL : <https://www.cairn.info/le-tournant-hermeneutique-de-la-phenomenologie--9782130520177-page-103.htm>
- MACHEREY, P. (2011) “Littérature et/ou philosophie”, <https://philolarge.hypotheses.org/1175>
- PROUST, M. (1986) *Le temps retrouvé*, Paris: Garnier Flammarion.
- RUSHWORTH, J. (2015) *Derrida, Proust, and the promise of writing*, *French Studies*, Volume 69, Issue 2, 1 April 2015, Pages 205–219, <https://doi.org/10.1093/fs/knu303>
- SPITZER, L. (1970) *Études de style*, Paris: Gallimard.
- TAMINIAUX, J. (1992) *La fille de Thrace et le penseur professionnel*, Paris: Payot.

³⁰ Agradeço calorosamente Filipe Ceppas pela atenta tradução deste texto, tanto quando de sua apresentação, no II Encontro Intercional do NUFFC, “50 anos de desconstrução”, quanto para esta publicação — tradução onde encontramos, fiéis a Derrida, a “exigência e os efeitos do pensamento” — e que ganhou uma dimensão performativa durante a comunicação, como o experimentou também o professor Fernando Santoro.